

Do Funchal ao Vale de La Orotava - Paisagens Insulares do Turismo Terapêutico

Rui Campos Matos

Situadas na rota atlântica que ligava a Europa do Norte às chamadas Índias Ocidentais e Orientais, as ilhas da Madeira e do Tenerife foram, desde o século XVII, ponto de passagem ou estadia de inúmeros viajantes europeus. Do relato de viagem à obra de natureza científica, sobre elas se produziu uma abundante literatura que, louvando a sua natureza edénica e a amenidade do clima, as viria a promover como estâncias de cura para as doenças pulmonares. A encosta do Funchal, na Madeira, e o vale de Orotava, no Tenerife – duas das mais singulares paisagens humanizadas da macaronésia – foram os lugares que acolheram os primeiros fluxos "turísticos", constituídos pelos enfermos que, do Norte da Europa, se deslocavam em cura de ares para os subtropicais. A esse período de génese do turismo insular – todo o séc. XIX e os primeiros catorze anos do séc. XX – convencionou chamar-se "turismo terapêutico".

No Funchal, a várias altitudes, tirando partido dos graus de humidade e temperatura variável de uma encosta sulcada por talvegues abissais e íngremes caminhos de fecho, floresceram, então, as quintas de aluguer - casas de arquitectura anónima onde, numa originalíssima síntese, a tradição mediterrânica se cruza com modelos de proveniência inglesa. No seu conjunto, estas casas e os seus jardins constituíram a paisagem do turismo terapêutico - uma subtil topografia de cura, cujas virtudes os médicos e os enfermos proclamavam. Para Alexander Von Humbolt, que visitou o Tenerife no início do século XIX, a "harmonia" da paisagem rural do vale de La Orotava, que tinha como fundo o majestoso e inóspito cume do Teide, era inigualável. Nela, o geógrafo incluiu a pequena cidade portuária de Puerto de La Cruz onde, em meados do século, como já vinha acontecendo na Madeira, se começou a fixar a indústria nascente do turismo terapêutico: pequenos hotéis vão-se instalando nos edifícios setecentistas do casco histórico e, algumas décadas mais tarde, surgirão na periferia do Puerto, em estreita simbiose com o sítio, as quintas de aluguer e o primeiro grande hotel-sanatório das ilhas atlânticas.

Estas paisagens - que corresponderam a uma forma peculiar de habitar as ilhas - são hoje, porém, residuais. Com o advento do turismo de massas, na segunda metade do séc. XX, profundas e dramáticas transformações tiveram nas duas urbes insulares e sua envolvente: periferias hoteleiras, novas tipologias de construção em altura, campos abandonados, vias rápidas - lugares onde, hoje, alguns, não vêem senão hostilidade, amnésia colectiva e perda de identidade. À procura de melhores soluções, os olhares voltam-se para o passado. Mas que lições encerra esse passado? O que caracterizava a paisagem do turismo terapêutico? Quem foram os seus intérpretes no século XIX? Com que fundamento se lhe pode atribuir mais autenticidade que a paisagem do turismo contemporâneo? Baseado na investigação levada a cabo na Madeira e Canárias sobre as tipologias arquitectónicas do turismo terapêutico e na interpretação das narrativas dos viajantes oitocentistas que visitaram as ilhas, far-se-á uma leitura crítica da paisagem do turismo terapêutico, dando resposta a estas questões.

Palavras chave: Turismo terapêutico, Paisagem, Madeira, Tenerife.